

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

RAFAELA RIGON

O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
NO MATERIAL *APRENDER SEMPRE*

SÃO CARLOS-SP
2023

RAFAELA RIGON

O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
NO MATERIAL *APRENDER SEMPRE*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de Licenciada em Letras - Português/Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli

SÃO CARLOS-SP
2023

Rigon, Rafaela

O tratamento da variação linguística no material
Aprender Sempre / Rafaela Rigon -- 2023.
49f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Caroline Carnielli Biazolli
Banca Examinadora: Alexandre Monte, Ana Paula
Martins
Bibliografia

1. Pedagogia da variação linguística. 2. Ensino de língua
portuguesa. 3. Análise documental. I. Rigon, Rafaela. II.
Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

Folha de aprovação

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da candidata Rafaela Rigon, realizada em 31/08/2023.

Orientadora: Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Avaliador: Prof. Dr. Alexandre Monte
Secretaria Municipal de Educação de São Carlos/SP (SME)

Avaliadora: Profa. Ma. Ana Paula Martins
Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' (UNESP)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Gislaine e Pedro, por todo suporte, apoio e amor.

Ao meu irmão João Pedro, por me mostrar que a vida pode ser mais leve e por me dar esperança de um mundo melhor.

Aos meus amigos Sanches e Shanches, por serem meus companheiros, por me proporcionarem momentos inesquecíveis que fazem tudo valer a pena. Em especial ao meu amigo Gabriel, por tentar me ajudar sempre que eu precisei, e ao Guilherme, por ainda estar comigo.

À minha namorada, Blenda, pela paciência, apoio e companheirismo que eu quero levar para a vida toda.

À Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli, pela compreensão, paciência, disponibilidade e apoio, não só durante a escrita deste trabalho, mas em toda a graduação.

Ao Prof. Dr. Alexandre Monte e à Profa. Ma. Ana Paula Martins, pela leitura atenta de meu trabalho e pelas importantes contribuições.

RESUMO

O presente trabalho aborda a variação linguística no contexto educacional, focando especificamente o material didático *Aprender Sempre*. A variação linguística é um fenômeno natural das línguas, refletindo diferenças sociais, regionais e culturais. Este estudo analisa como duas sequências de atividades do referido material, uma do 6º ano e outra do 7º ano do Ensino Fundamental II, tratam desse fenômeno, uma vez que, de acordo com orientações da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) e do Currículo Paulista (SÃO PAULO, 2019), devem promover uma educação mais inclusiva e sensível à diversidade linguística. Para isso, fundamentamo-nos na pedagogia da variação linguística (BORTONI-RICARDO, 2004, 2005; BAGNO, 2007; ZILLES; FARACO, 2015) e realizamos uma análise documental, detalhando as sequências selecionadas com base em dez critérios adaptados de Bagno (2007). Com esta pesquisa, pretendemos fornecer uma análise crítica do tratamento da variação em um material que serve, segundo a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, para recuperação e aprofundamento dos conteúdos. Enfatizamos, ainda, a relevância da presença, nesses materiais, de atividades que realmente considerem o respeito e a valorização das diferentes formas de expressão.

Palavras-chave: Pedagogia da variação linguística. Ensino de Língua Portuguesa. Ensino Fundamental 2. Análise documental. *Aprender Sempre*.

ABSTRACT

The present work addresses linguistic variation in the educational context, specifically focusing on the didactic material *Aprender Sempre*. Linguistic variation is a natural phenomenon in languages, reflecting social, regional, and cultural differences. This study analyzes how two sequences of activities from the mentioned material, one from the 6th grade and another from the 7th grade of secondary education, address this phenomenon, because, as according to guidelines from the *Base Nacional Comum Curricular* (BRASIL, 2017) and the *Currículo Paulista* (SÃO PAULO, 2019), they should promote a more inclusive and linguistically sensitive education. To achieve this, we draw upon the pedagogy of linguistic variation (BORTONI-RICARDO, 2004, 2005; BAGNO, 2007; ZILLES; FARACO, 2015) and conduct a documentary analysis, detailing the selected sequences based on ten criteria adapted from Bagno (2007). Through this research, we aim to provide a critical analysis of the treatment of variation in a material that, according to the São Paulo State Department of Education, is intended for content recovery and deepening. Furthermore, we emphasize the relevance of including activities in these materials that genuinely consider respect and valorization of different forms of expression.

Keywords: Pedagogy of linguistic variation. Portuguese Language Teaching. Middle School. Documentary analysis. *Aprender Sempre*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES DE UMA PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA?	11
3 QUAL O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA BNCC E NO CURRÍCULO PAULISTA?	18
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
4.1 Natureza e tipo da pesquisa	25
4.2 Apresentação do material <i>Aprender Sempre</i>	25
4.3 Critérios de análise	28
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	32
5.1 Análise e discussão da sequência de atividades do 6o. ano	32
5.2 Análise e discussão da sequência de atividades do 7o. ano	39
6 CONCLUSÕES	46
7 REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

A variação linguística é um fenômeno intrínseco à língua e à comunicação humana, refletindo a diversidade cultural e social de uma sociedade. No contexto educacional, compreender e abordar a variação linguística tornam-se aspectos cruciais para promover a inclusão e a eficácia do ensino – neste caso, do ensino de Língua Portuguesa como língua materna.

Esse fenômeno – entendido como as diferentes formas de expressão linguística, com o mesmo valor de verdade, que ocorrem em uma mesma língua (LABOV, 2008 [1972]) – é um tema que transcende as fronteiras das salas de aula. Ele reflete a complexidade da língua e está intrinsecamente ligado às características culturais, sociais e regionais dos falantes. A compreensão e a valorização da variação linguística não apenas enriquecem a experiência comunicativa dos alunos, mas também contribuem para a formação de cidadãos críticos e conscientes da diversidade linguística e cultural que os cercam.

A pedagogia da variação linguística, embasada em princípios sociolinguísticos, propõe que o ensino da língua deva refletir a realidade linguística dos alunos e reconhecer a riqueza presente nas diversas formas de se comunicar (BORTONI-RICARDO, 2004, 2005; BAGNO, 2007; ZILLES; FARACO, 2015).

Ao nos pautarmos nessa pedagogia, o objetivo geral desta pesquisa é analisar como se dá o tratamento da variação linguística no material didático *Aprender Sempre*. Quanto aos objetivos específicos, pretendemos discutir os conceitos básicos relacionados ao que se caracteriza como *pedagogia da variação linguística*, contextualizar o material escolhido como fonte das análises, utilizado pelo governo do estado de São Paulo como material de apoio para os Ensinos Fundamental e Médio, e, criteriosamente, examinar a sequência de atividades 2, do volume 1, do 6º ano e a sequência de atividades 3, do volume 3, do 7º ano¹.

Este estudo é dividido em sete partes: (i) esta, a introdução; (ii) a fundamentação teórica, em que, além de discutirmos os conceitos básicos da pedagogia da variação linguística, abordamos as contribuições dessa pedagogia para o ensino de Língua Portuguesa; (iii) uma breve análise sobre o tratamento da variação linguística em dois documentos oficiais; (iv) os procedimentos metodológicos, em que contextualizamos o

¹ No capítulo 4, destinado aos procedimentos metodológicos da pesquisa, o material *Aprender Sempre* é detalhado. Cabe salientar que, nesta pesquisa, examinamos apenas as versões do material distribuídas aos alunos, ou seja, os Cadernos do Aluno.

material a ser analisado, bem como os critérios norteadores da análise; (v) a análise e a discussão dos dados; (vi) as conclusões sobre o tratamento da variação no *Aprender Sempre*; e, por fim, (vii) as referências utilizadas.

Com este estudo, esperamos contribuir, de forma crítica, para a compreensão de como a variação linguística é abordada no material em foco, tido como instrumento para recuperação e aprofundamento de conteúdos. Em termos gerais, este trabalho também se propõe a colaborar para a construção de um ambiente educacional mais sensível e alinhado com as demandas sociolinguísticas contemporâneas, destacando a necessidade urgente de que todas as variedades – e, conseqüentemente, todos os usos da língua – sejam respeitadas(os) e valorizadas(os).

2 QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES DE UMA PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA?

Um primeiro ponto a ser discutido, para que cheguemos ao entendimento de uma pedagogia da variação linguística, é o que consideramos *língua*.

Bagno (2007) explica que aquilo que se convencionou como *língua* nas sociedades letradas é, na realidade, um produto sociocultural, artificial e que não faz jus à realidade. Segundo o autor, para entendermos como uma língua de fato funciona, é necessário compreendermos a noção de *heterogeneidade linguística*, atrelada à ideia de *heterogeneidade social*. Isso, na perspectiva da Sociolinguística, significa dizer que toda língua é inerentemente múltipla, variável, instável e está, constantemente, em um processo de construção, desconstrução e reconstrução, já que é uma atividade social baseada nas interações sociais de todos os seus falantes.

Bortoni-Ricardo (2005, p. 71) entende a variabilidade linguística como um “fenômeno inerente a toda língua natural em qualquer comunidade de fala, inclusive as monolíngues”. Faraco (2015, p. 28), nesse mesmo caminho, afirma que “todos os falantes (sem exceção) vivem num ambiente sociolinguístico heterogêneo”. Isso porque todos nós convivemos com diferentes pessoas, de diferentes idades, em diferentes espaços sociais.

Logo, é impossível estudar uma língua sem estudar a sociedade em que ela é falada, bem como é indispensável o estudo da língua para entender o funcionamento de uma sociedade, pois é através da linguagem que as relações humanas acontecem. Nesse sentido, para Bakhtin (1997, p. 278):

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua.

É com base nessa noção de língua, que a considera em sua realidade heterogênea, que desenvolvemos este estudo, com a finalidade de discutir, neste capítulo, as contribuições de uma pedagogia da variação linguística para o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica.

Direcionando-nos a questões de ensino, outro ponto a ser destacado é o que envolve as *normas linguísticas*.

Retomando as sociedades letradas, Bagno (2007) apresenta a ideia de que, nelas, a realidade linguística é constituída de dois polos: o primeiro referente à variação linguística; e, o segundo, à norma-padrão, sendo esta norma um modelo artificial de língua pensado para minimizar as consequências da variação, uma vez que serve como parâmetro do que, em teoria, é “correto”. Entre esses dois polos há uma área intermediária em que ambas – variação e norma-padrão – se influenciam.

Além disso, sobre o segundo polo, o autor defende a ideia de que é necessário diferenciar a norma-padrão da *norma culta*. Para ele, a norma-padrão é a “língua certa” dos gramáticos normativos, fundamentada em regras gramaticais, enquanto a norma culta são as falas autênticas de falantes urbanos mais letrados. Essa diferença é importante, pois ele afirma que “a norma-padrão não faz parte do espectro contínuo de variedades linguísticas reais, efetivamente faladas numa comunidade” (BAGNO, 2013, p. 61). Pode-se considerar língua, variedade ou dialeto quando há um grupo social que fale, de fato, essa língua, variedade ou dialeto, o que não é o caso da norma-padrão, uma vez que ninguém no Brasil fala, efetivamente, essa norma, isto é, não há “falantes do padrão”.

Em relação à norma culta, Bagno (2013) reconhece já em sua terminologia um preconceito devido ao uso do adjetivo *culto*, pois, a partir dele, é possível pressupor que as outras variedades sejam subdesenvolvidas linguisticamente, por exemplo. Por isso, propõe, para além de norma-padrão – modelo de língua “correta”, que busca uma homogeneidade e imutabilidade e que, justamente, por ser estável, delimitada e uniforme, não deve ser considerada uma variação, como já ressaltamos –, o uso de *variedades prestigiadas* para o que antes era entendido como *norma culta*, uma vez que essa variedade é usada por falantes em posições de prestígio na sociedade (pessoas letradas em espaços urbanos com um poder aquisitivo maior que o restante da população) e *variedades desprestigiadas/estigmatizadas* para nomear as variedades utilizadas por pessoas de classes sociais desprivilegiadas, de menor escolarização e de menor poder aquisitivo.

No que tange ao ensino de Língua Portuguesa, fazendo um trocadilho com *norma culta*, Faraco (2015) comenta que o referencial que o sistema escolar tem usado é o da *norma curta*. Essa norma, para ele, refere-se a

[...] um conjunto de preceitos dogmáticos que não encontram respaldo nem nos fatos, nem nos bons instrumentos normativos [dicionários e gramáticas], mas que se sustentam na cultura do erro e a sustentam, contribuindo para sua reprodução [que] não passa de uma súmula grosseira e rasteira de preceitos normativos saídos, em geral, do

exacerbado pseudopurismo que, infelizmente para nossa cultura linguística e nossas práticas de ensino, se alastrou entre nós desde as últimas décadas do século XIX (FARACO, 2015, p. 24-25).

Podemos mencionar que, mesmo com o aumento da população estudantil², o que, naturalmente, fez com que a diversidade presente na escola também aumentasse, a política linguístico-pedagógica se manteve, perpetuando um modelo educacional que tende a ficar cada vez mais antiquado, uma vez que não é atualizado conforme a diversificação de alunos vista no ambiente escolar e os usos reais que eles fazem da língua. Isso se dá, conforme Bagno (2013), porque o ambiente educacional brasileiro é ideologicamente conservador, logo, entende-se que a estrutura de ensino se mantém devido à manutenção de vários aspectos que a constituem, como a precarização do trabalho do professor e a falta de investimento na estrutura escolar.

Um ensino pautado em uma tradição prescritivista é ainda mais inacessível à parte da população desfavorecida economicamente, que tem acesso mais restrito à Educação e a produtos culturais (FARACO, 2015). Essa parte, na realidade brasileira, é a maioria.

Na visão de Bagno (2013, p. 43), o trabalho a ser feito nas aulas de Língua Portuguesa deveria ser aquele em prol de uma *educação sociolinguística*. Para ele,

Reconhecer a heterogeneidade intrínseca de qualquer língua humana junto com os mitos, preconceitos, representações e juízos de valores que incidem sobre ela é um componente básico da educação linguística que visa formar cidadãos conscientes da realidade social, cultural e política em que vivem.

Bagno (2007) diz que a importância da variação linguística vai além do lado científico do fenômeno que possibilita descrever a natureza das línguas humanas, pois julga mais relevante as consequências sociais, culturais e ideológicas que ela traz para cada comunidade. Ao falar sobre educação sociolinguística nas escolas, ele afirma que é imprescindível reeducar alunos e professores, visto que a maneira de ensinar no Brasil ainda é baseada na transmissão de informação, modelo de ensino chamado por Paulo Freire de *Educação Bancária*, em que o professor é o detentor de todo o conhecimento e apenas transmite os conteúdos aos alunos, mantendo-os numa função passiva de apenas receber e arquivar essas informações recebidas.

² Para Bortoni-Ricardo (2005), as razões que levaram a esse aumento da população estudantil foram o aumento populacional e da concentração demográfica nas cidades, a expansão da rede escolar e a obrigatoriedade da frequência à escola.

No contexto escolar, em uma direção contrária a esse ensino ultrapassado de língua, destacamos uma concepção pedagógica que reconhece e legitima a heterogeneidade linguística, dando protagonismo ao aluno. Ressaltamos, portanto, a *pedagogia da variação linguística*, que busca questionar e contrapor as concepções tradicionais de língua como um conjunto de regras imutável e estático. Nessa concepção pedagógica, a língua é tida e deve ser ensinada como um sistema dinâmico, aberto, múltiplo e variável, estabelecido pela relação com e entre os seus falantes.

Segundo Faraco (2020), o ensino da Língua Portuguesa perpassa por diferentes pedagogias relacionadas entre si, como a pedagogia da oralidade, da leitura, da gramática e também da variação linguística. Esta, por sua vez, se preocupa com o tratamento da variação linguística em todos os âmbitos do ensino de português. Os três principais objetivos da pedagogia da variação linguística dizem respeito a três conjuntos: (i) conhecer e entender; (ii) entender e respeitar; e (iii) entender e transitar com segurança pelo universo da variação.

Para tratar a variação linguística na sala de aula é preciso, primeiramente, entender que ela é inerente a toda e qualquer língua, visto que as línguas são heterogêneas e múltiplas, assim como as sociedades em que estão inseridas. Sendo assim, compreender a heterogeneidade da língua é também compreender a sociedade em que se vive. Perceber as mudanças e os fatores que a ocasionam é entender a história, as diferentes classes sociais, as diferenças geográficas e culturais do país. Dessa forma, Faraco (2020) chama atenção para a possibilidade de trabalhar com diversos projetos interdisciplinares relacionando português e história, geografia e sociologia, por exemplo.

Em relação ao segundo objetivo, o linguista sugere o desenvolvimento de práticas pedagógicas capazes de promover o respeito a todos os modos de falar, uma vez que essa prática é uma consequência da bagagem socioeconômica e sociocultural de todos os falantes. Logo, conclui-se que a fala é um espelho do lugar social do falante, portanto, não respeitar um indivíduo linguisticamente é também não o respeitar em outros âmbitos sociais.

Scherre (2021, p. 119) afirma que o respeito linguístico precisa ser promovido de forma mais evidente, porque, segundo a autora, características linguísticas identificadas como pertencentes “[...] a classes sociais menos favorecidas são naturalizadas como erradas em todas as línguas do mundo [...]” e, além disso, “[...] o acesso às variedades de prestígio é extremamente desigual”. Dessa forma, Scherre (2021, p. 117) define respeito linguístico como

A convivência harmoniosa entre as diferentes formas de falar, seja no plano das diferenças entre as línguas, seja no plano das diferenças entre as variedades no interior da mesma língua. As diferenças linguísticas, em qualquer plano, incluindo o social, caracterizam grupos de falantes e são mecanismos identitários. Então, o **Respeito Linguístico** implica a capacidade de ouvir o outro com seus traços característicos, sem emissão de julgamento de valor [...].

Bagno (2007, 2013) também defende que o preconceito linguístico se relaciona com outros juízos de valores negativos, como racismo e preconceitos socioeconômicos. Normalmente, as variedades linguísticas usadas por membros das classes sociais mais marginalizadas são vistas como de menor prestígio, assim, qualquer tipo de aversão a essas variedades pode ser lido como um preconceito às pessoas dessas classes sociais. De forma prática, não compreender as variações linguísticas de forma crítica e tratá-las como um problema individual é não compreender os fatores históricos e sociais que geraram essa situação.

Entender e transitar por esse universo da variação linguística, o último objetivo, é ter maturidade e consciência linguística para se adequar a diferentes situações comunicativas. Para além disso, Faraco (2020) defende ser necessário implementar uma pedagogia da *norma de referência*³, pois há inúmeros equívocos em relação ao uso das expressões de norma culta e norma-padrão e essa pedagogia ajudaria a combater a percepção de que trabalhar com variação linguística é negar o ensino da norma-padrão, a norma de referência atual que, segundo o linguista, é artificial e anacrônica.

Ao adotarmos uma pedagogia da variação linguística dentro da sala de aula, estamos lidando com os três objetivos apresentados anteriormente e, com esse trabalho articulado, explicitamos que aprender uma língua vai muito além de compreender o que é “certo” e “errado” perante as regras gramaticais normativas que desconsideram a possibilidade de variações e os diferentes contextos comunicativos.

Para Faraco e Zilles (2015, p. 13):

A pedagogia da variação e o ensino da norma culta passam muito mais pelas práticas de letramento do que pelas aulas de gramática descontextualizadas e de regras expositivas desvinculadas da realidade e distantes da compreensão da criança.

Respondendo à questão que intitula este capítulo – *Quais as contribuições de uma pedagogia da variação linguística para o ensino de Língua Portuguesa na Educação*

³ Ao tratarmos de uma norma de referência, Faraco (2015) sublinha que as orientações normativas devem corresponder às normas cultas de uso.

Básica? –, concluímos então que, à medida que a escola trabalha gramática de maneira contextualizada, considerando as situações comunicativas e as adequações que podem ser feitas a partir delas, os alunos desenvolvem uma maior capacidade de dominar e entender tanto a própria norma culta, como as outras variedades linguísticas das quais fazem uso em diferentes espaços e momentos.

Ensinar uma abordagem que valoriza a diversidade linguística é importante para desmistificar a ideia de erros e acertos na língua, promovendo o conceito de adequação linguística conforme o contexto comunicativo. Assim, os alunos se tornam capazes de desenvolver a competência comunicativa, possibilitando não apenas a escrita de textos gramaticalmente corretos, mas também a capacidade de se comunicarem de forma adequada e efetiva de acordo com a situação comunicativa em que estiverem inseridos – seja ela oral ou escrita.

Além disso, valorizar a diversidade linguística promovida por essa pedagogia da variação contribui para a promoção de um diálogo intercultural, em que entender e respeitar as diferentes formas de expressão é imprescindível, podendo, inclusive, combater o preconceito linguístico através da compreensão de que não há uma única forma de se comunicar, nem uma maneira certa ou errada. O combate ao preconceito linguístico de forma eficiente também é importante para o processo de ensino e de aprendizagem, uma vez que falantes de variedades linguísticas estigmatizadas podem se sentir acuados.

Sobre isso, Erickson (1987) defende que uma pedagogia culturalmente sensível (*culturally responsive pedagogy*) facilita a transmissão de conhecimentos, pois torna o ambiente de aprendizado mais familiar ao universo do aluno. Quanto mais à vontade e confortável o aprendiz se sente para participar das interações na sala de aula, maior será a facilidade dele para aprender os conteúdos – isso não apenas nas aulas de Língua Portuguesa, mas em todas as disciplinas da Educação Básica.

Por fim, a pedagogia da variação linguística também permite o desenvolvimento de habilidades metalinguísticas, isto é, a capacidade de refletir sobre a língua e compreendê-la de maneira integral, contribuindo para um melhor desempenho acadêmico e para a formação de cidadãos críticos e abertos às diferenças.

Para que essas práticas contextualizadas de ensino sejam possíveis e aplicáveis na escola, Faraco (2015) defende que discussões sociolinguísticas deveriam acontecer por toda a esfera nacional, a fim de que todos, não apenas as pessoas envolvidas diretamente nos processos de ensino e de aprendizagem, como educadores e linguistas, consigam

compreender os problemas gerados a partir de desinformações sobre questões da língua que podem prejudicar justamente o avanço educacional em direção a um ensino mais democrático e inclusivo.

Estender a discussão sobre variações linguísticas para além da esfera educacional favorece uma reformulação que busca mostrar a realidade diversa da sociedade brasileira, não só linguística como social, diminuindo, portanto, alguns preconceitos desencadeados pelas diferentes maneiras de se comunicar. Para Faraco (2015, p. 27),

Uma das práticas pedagógicas indispensáveis para o ensino/aprendizagem da expressão culta é precisamente despertar a consciência dos alunos para a variação linguística, a fim de que eles percebam os pontos críticos que distanciam a variedade que eles aprenderam em casa das variedades cultas, e possam trabalhar sistematicamente, ao longo da escolaridade básica, para dominar estas últimas.

Como afirma Bortoni-Ricardo (2004), um aluno, mesmo que ainda criança, ao chegar à escola, já é capaz de se comunicar em sua língua materna, uma vez que vive exposto a esta língua em todos os ambientes que frequenta. O que lhe falta, efetivamente, são recursos e habilidades de comunicação para executar tarefas comunicativas que exigem um pouco mais de complexidade. Desse modo, o papel da escola é auxiliar e fornecer os recursos necessários para que o aluno consiga desenvolver essa competência comunicativa de forma eficaz, o que se pode atingir por meio da adoção da pedagogia da variação linguística.

Neste capítulo, discutimos a relevância de se adotar uma pedagogia da variação linguística para o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica. Nesse sentido, na perspectiva dessa pedagogia, apresentamos os conceitos de língua e de normas linguísticas, bem como contextualizamos o que se deve entender por educação sociolinguística. Na sequência, abordamos o tratamento da variação linguística em documentos oficiais, priorizando o que se diz em relação aos anos de ensino examinados neste estudo.

3 QUAL O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA BNCC E NO CURRÍCULO PAULISTA?

Para entendermos o movimento dos livros didáticos presentes no sistema educacional brasileiro, é preciso que nos voltemos à Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988). No que se refere à Educação, o artigo principal é o que prevê como dever do Estado garantir o direito à Educação para todos, de forma gratuita e universal. Além disso, o artigo 210 da Constituição prevê a criação de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Fundamental e, em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (BRASIL, 1996) determina, no artigo 26, a adoção da BNCC para a Educação Básica.

Para a Educação Básica, as primeiras Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) foram estabelecidas com a promulgação da LDB em 1996. Elas orientam o planejamento curricular escolar através de normas obrigatórias e também reforçam o uso de uma Base Nacional. Com as DCN, foram planejados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997, 1998, 2000) e, mesmo após a elaboração da Base Nacional, as Diretrizes continuam vigentes, visto que as DCN são a estrutura, enquanto a BNCC detalha os conteúdos e habilidades a serem trabalhados.

Outra consequência da Constituição para a Educação foi o Plano Nacional de Educação (PNE), que, em seu documento vigente, possui metas e estratégias para a política educacional de 2014 a 2024 (BRASIL, 2015), incluindo o uso da BNCC para cumprimento das metas 1, 2, 3 e 7, referentes à universalização da Educação para as três etapas da Educação Básica. Em setembro de 2015, ficou pronta a primeira versão da BNCC, mas ela só foi aprovada e homologada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) em dezembro de 2017. Nos anos seguintes, os currículos estaduais foram elaborados fundamentados pela Base (BRASIL, 2017).

O estado de São Paulo usou a BNCC como suporte para a elaboração do Currículo Paulista (SÃO PAULO, 2019), que, por sua vez, funciona (ou pode funcionar) como base para as diretrizes e as orientações pedagógicas das redes, utilizadas pelas escolas para a composição do projeto político pedagógico que orienta o plano de ensino do professor e, consequentemente, o plano de aula.

Cabe mencionarmos que, em 2008, o estado de São Paulo produziu, para o ensino público, uma nova proposta curricular nomeada *São Paulo Faz Escola*, cujo objetivo era melhorar o sistema educacional através de ações pedagógicas que assegurassem uma base

comum de competências e conhecimentos. A partir dessa proposta, foi implementado o Currículo Oficial do estado, em que, de acordo com o site da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE-SP):

[...] educadores e estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio recebem o material de apoio, composto pelos cadernos do Professor e do Aluno, que são organizados por disciplina, ano e bimestre. O material é disponibilizado nas disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, História, Filosofia, Química, Física, Biologia, Inglês, Geografia, Sociologia, Arte e Educação Física (SÃO PAULO, *online, s/p*)⁴.

Em 2010, a proposta foi consolidada como Currículo Oficial do estado paulista. A segunda edição saiu em 2011 e aderiu às competências formuladas pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Entretanto, mais recentemente, em 2019 – 2020, foi homologado o Currículo Paulista para a Educação Básica (SÃO PAULO, 2019), como já mencionado, que foi construído pela rede estadual e pelas redes municipais, com apoio das instituições públicas e privadas do Ensino Superior.

Segundo o site da SEE-SP, o objetivo do Currículo Paulista é

[...] melhorar da (sic) qualidade da Educação Básica no Estado de São Paulo através de orientações para a aprendizagem dos estudantes através da elaboração de Cadernos do Aluno e do Professor, os quais seguem as competências gerais o (sic) discriminadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e homologada em 20 de dezembro de 2017, bem como os currículos e as orientações curriculares das redes de ensino públicas e privadas.

O Currículo Paulista define e explicita, a todos os profissionais da educação que atuam no Estado, as competências e as habilidades essenciais para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos estudantes paulistas e considera sempre sua formação integral na perspectiva do desenvolvimento humano (SÃO PAULO, *online, s/p*)⁵.

As competências gerais da BNCC para a Educação Básica, de modo geral, reconhecem a importância da valorização da diversidade cultural, social, artística e linguística. Além disso, há uma competência voltada para o uso do conhecimento geral de diferentes linguagens (verbal, verbo-visual, corporal, multimodal, matemática, entre outras) para comunicação e compartilhamento de informações, experiências, ideias e

⁴ Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/sao-paulo-faz-escola>. Acesso em: 19 jul. 2023.

⁵ Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/coped/ensino-na-rede/novo-curriculo-paulista/>. Acesso em: 19 jul.2023.

sentimentos em diferentes contextos e, assim, conseguir produzir sentidos que garantam uma situação comunicativa bem-sucedida.

A BNCC destaca que a Língua Portuguesa é uma língua viva, em constante evolução, e que se manifesta de maneiras distintas nas diferentes regiões e contextos sociais. Além disso, para a BNCC, o ensino de Língua Portuguesa deve contemplar o desenvolvimento das habilidades de comunicação, leitura e escrita, considerando as diferentes práticas e usos da língua, bem como os diferentes gêneros textuais. Por isso, ressalta a importância dos estudantes se apropriarem das especificidades de cada linguagem, sem perderem a visão do todo em que estão inseridos, e compreenderem a dinamicidade das linguagens, entendendo que todos participam do seu processo de transformação – como destacado no seguinte trecho:

Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas (BRASIL, 2017, p. 67).

Um dos objetivos da BNCC, portanto, é o desenvolvimento da capacidade de compreender, interpretar e produzir textos de diferentes registros e variedades da língua, respeitando as diferenças culturais e linguísticas. Nas competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, nível de ensino que interessa a esta pesquisa, por exemplo, é destacada a importância de:

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
[...]
4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.
5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.
[...] (BRASIL, 2017, p. 87).

Entretanto, convém ressaltar que, embora a BNCC contemple em seu discurso um trabalho com textos de diferentes registros e variedades da língua, avançando na direção de um ensino sociolinguístico, como demonstram as competências específicas

mencionadas acima, ela apresenta controvérsias. Uma dessas controvérsias é a confusão terminológica e conceitual entre os termos *norma-padrão* e *norma culta*. A BNCC destaca um ensino baseado na norma-padrão, que, na realidade, ao analisarmos o documento, percebemos se tratar da norma culta, sem considerar, no entanto, a pluralidade dessa norma culta. Em outras palavras, a BNCC apresenta uma falha de entendimento sobre qual seria a norma em que o ensino de Língua Portuguesa deveria ser pautado: fala-se em norma-padrão, mas trabalha-se com a ideia de norma culta, sendo esta considerada homogênea e padronizadora, perpetuando um senso normativo que vai em sentido contrário ao que se entende por um ensino sociolinguístico.

O estudo da Língua Portuguesa é separado por eixos de integração que já são consagrados em documentos curriculares da área, correspondentes a estas práticas de linguagem: oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica. A expressão “variação linguística”, apresentada como objeto de conhecimento das aulas de Língua Portuguesa, é trabalhada, segundo Cardoso e Semechechem (2020), nos eixos de produção de texto, oralidade e análise linguística/semiótica.

No eixo de produção de texto, no que tange às *condições de produção dos textos*, a BNCC espera que o aluno reflita sobre “diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam” (BRASIL, 2017, p. 77). Na sequência, no que se refere à *construção da textualidade* e às *estratégias de produção*, espera-se que o aluno consiga “usar recursos linguísticos e multissemióticos de forma articulada e adequada, tendo em vista o contexto de produção do texto [...]” (BRASIL, 2017, p. 77), e que ele também consiga

Desenvolver estratégias de planejamento, revisão, edição, reescrita/*redesign* e avaliação de textos, considerando-se sua adequação aos contextos em que foram produzidos, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semioses apropriadas a esse contexto, os enunciadores envolvidos, o gênero, o suporte, a esfera/campo de circulação, adequação à norma-padrão etc. (BRASIL, 2017, p. 78).

Segundo Cardoso e Semechechem (2020), essas três dimensões consideradas no eixo da produção de textos – ou seja, as condições de produção dos textos, a construção da textualidade e as estratégias de produção – são voltadas para que o aluno consiga

adequar seus textos a cada contexto específico de uso, identificando qual variedade linguística melhor se enquadra na situação comunicativa.

No eixo da oralidade, a variação linguística está presente de modo similar ao eixo da produção de texto, sendo contemplada em duas dimensões: *condições de produção dos textos orais e relação entre fala e escrita* (CARDOSO; SEMECHECHEM, 2020). Quanto às condições de produção, a BNCC (2017) propõe práticas orais que levem o aluno a “refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos orais e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multimodalidade e a multissemiose” (BRASIL, 2017, p. 79) e, ainda, a “conhecer e refletir sobre as tradições orais e seus gêneros, considerando-se as práticas sociais em que tais textos surgem e se perpetuam, bem como os sentidos que geram” (BRASIL, 2017, p. 79). No que concerne à relação entre fala e escrita, é esperado que o aluno consiga, para além de “refletir sobre as variedades linguísticas, adequando sua produção a esse contexto” (BRASIL, 2017, p. 80),

Estabelecer relação entre fala e escrita, levando-se em conta o modo como as duas modalidades se articulam em diferentes gêneros e práticas de linguagem (como jornal de TV, programa de rádio, apresentação de seminário, mensagem instantânea etc.), as semelhanças e as diferenças entre modos de falar e de registrar o escrito e os aspectos sociodiscursivos, composicionais e linguísticos de cada modalidade sempre relacionados com os gêneros em questão (BRASIL, 2017, p. 80).

Para Cardoso e Semechechem (2020), quando a BNCC aborda a produção de textos, sejam eles escritos ou orais, ela trata da variação estilística, indicando que todo falante varia seu uso da língua de acordo com a situação interativa em que ele estiver inserido. Por outro lado, ao comparar língua falada e língua escrita, o documento aponta a variação existente entre essas duas modalidades, a variação diamésica, mais compreensível quando analisada em conjunto com o conceito de gênero textual.

Por fim, no eixo de análise linguística/semiótica, conforme sinalizam Cardoso e Semechechem (2020), a variação linguística é tratada de modo explícito e direto:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (BRASIL, 2017, p. 81).

De acordo com Cardoso e Semechechem (2020, p. 188):

Além das variedades linguísticas serem objetos de reflexão, também é proposto que o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas deve ser objeto de reflexão. Quando o documento refere-se às variedades estigmatizadas, embora não haja a definição do que seriam essas variedades dentro do documento, [...], podemos inferir que, ao propor o tratamento das variedades estigmatizadas, se inclui a variedade relacionada às classes e grupos sociais (variação diastrática). Cabe destacar que o documento enfatiza também que o valor social atribuído a essas variedades está relacionado a preconceitos sociais, portanto, deve ser objeto de estudo.

A análise do tratamento da variação linguística neste trabalho, conforme dito anteriormente, é feita a partir de uma sequência de atividades do 6º ano e uma sequência do 7º ano – ambas as escolhas serão justificadas no capítulo subsequente. Por isso, restamos focar no que é dito sobre variação nesses anos.

Do 6º ao 9º ano, especificamente referente à variação linguística, há a preocupação em trabalhá-la em todos os campos de atuação. Na BNCC, os campos de atuação, áreas de uso da linguagem na vida cotidiana, são divididos em *campo artístico-literário*, *campo das práticas de estudo e pesquisa*, *campo jornalístico-midiático* e *campo de atuação na vida pública*.

Apresentamos algumas habilidades específicas em que a variação ganha destaque:

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto, produção e circulação - os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral, imagem estática ou em movimento etc), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto [...]. (BRASIL, 2017, p. 143)

[...]

(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/ *redesign* (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, [...]. (BRASIL, 2017, p. 145)

[...]

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero [...] e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo [...]. (BRASIL, 2017, p. 159)

[...]

(EF69LP52) Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos) [...]. (BRASIL, 2017, p. 159)

[...]

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. (BRASIL, 2017, p. 161)

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada. (BRASIL, 2017, p. 161)

Visto que o Currículo Paulista se baseia na BNCC, como apontamos no início deste capítulo, tanto as competências gerais quanto as competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental são iguais às presentes na BNCC, assim como as habilidades do 6º ao 9º ano são bem próximas das que apresentamos anteriormente. Isso acontece porque a BNCC é um documento de referência que estabelece os conhecimentos, competências e habilidades essenciais que todos os estudantes do território nacional devem desenvolver ao longo da Educação Básica, independentemente do estado ou município. Por isso, o currículo adotado pelo estado de São Paulo se baseia nos princípios e diretrizes da Base, adequando-se às especificidades e contextos locais.

Neste capítulo, de forma bastante sucinta, recuperamos o contexto de elaboração da BNCC e do Currículo Paulista, bem como identificamos em quais partes e de que modo a variação linguística aparece nesses documentos. Esse olhar, certamente, se faz necessário para a análise das atividades selecionadas no material didático a ser examinado. A seguir, apresentamos os aspectos metodológicos da pesquisa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Natureza e tipo da pesquisa

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e utiliza a técnica da análise documental, uma vez que objetiva investigar o tratamento da variação linguística no material didático *Aprender Sempre*, especificamente em duas sequências de atividades do Ensino Fundamental 2: uma do 6º ano e a outra do 7º.

Para Silva e Menezes, a pesquisa qualitativa

[...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa (SILVA; MENEZES, 2005, p. 20).

A análise documental, por sua vez, de acordo com Lüdke e André (1986), pode ser muito vantajosa porque os documentos (qualquer material escrito que possa servir como fonte de dados acerca das ações humanas) são fontes estáveis que perduram ao longo do tempo e servem como base de estudos para diferentes pesquisas. A análise documental difere da análise bibliográfica – esta, certamente, presente em toda pesquisa científica – por ser elaborada a partir de materiais que, até então, não receberam tratamento analítico (SILVA; MENEZES, 2005).

4.2 Apresentação do material *Aprender Sempre*

O material didático a ser analisado, o *Aprender Sempre*, foi criado após o início do Programa de Recuperação e Aprofundamento da SEE-SP, que começou no segundo semestre de 2019, ainda antes da pandemia do coronavírus. Nesse primeiro ano, foram atendidos apenas anos finais de ciclo: 5º e 9º anos do Ensino Fundamental e a 3ª série do Ensino Médio. O programa se deu através de sequências didáticas elaboradas de acordo com as habilidades essenciais referentes a cada etapa da Educação Básica.

Em 2020, devido ao contexto pandêmico e à suspensão das aulas presenciais, o Programa de Recuperação e Aprofundamento se estendeu a todos os anos do Ensino Fundamental e às outras séries do Ensino Médio, para que fosse possível auxiliar o desenvolvimento das habilidades, além de colaborar com o prosseguimento da Educação

Básica da rede pública do estado de São Paulo. Nesse cenário, a SEE-SP produziu o material chamado *Aprender Sempre*.

Para o ano de 2020, foram desenvolvidos 03 volumes desse material, sendo que o último foi maior que os dois primeiros e foi utilizado durante todo o segundo semestre. Todos esses volumes atendem ao Programa de Recuperação e Aprofundamento, ou seja, foram idealizados para apoiar a recuperação e o aprofundamento de Língua Portuguesa, Matemática e Ciências da Natureza. O currículo, em 2020, foi trabalhado de acordo com os materiais dos *Programas Ler e Escrever* e *Educação Matemática nos Anos Iniciais* (EMAI), além dos materiais *São Paulo Faz Escola* para os Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Em 2021, foram elaborados 04 volumes do *Aprender Sempre*, 01 para cada bimestre. A diferença do número de volumes de um ano para o outro foi somente na apresentação, não interferindo no conteúdo, já que o volume 03 de 2020 foi utilizado no 3º e 4º bimestres.

Entendemos, portanto, que o Programa de Recuperação e Aprofundamento não foi desenvolvido em consequência à pandemia de Covid-19, apenas foi expandido, dada a necessidade de atender um contingente maior de estudantes da rede estadual.

Diante do cenário pandêmico, a SEE-SP fez um levantamento referente às habilidades essenciais do currículo para serem desenvolvidas durante o ciclo 2020-2021. Desse modo, a matriz de habilidades essenciais no Programa de Recuperação e Aprofundamento contempla as habilidades do próprio ano/série em que o estudante se encontra e habilidades que são pré-requisitos para a manutenção do percurso educacional. Além disso, as aulas do Centro de Mídias (CMSP)⁶ em 2021 também foram elaboradas de acordo com essa matriz de habilidades.

Apesar das escolas e professores terem autonomia para preparar as aulas e trabalhar as habilidades de acordo com cada contexto, o recomendado pela SEE-SP foi que o planejamento fosse feito a partir da mesma matriz, para que houvesse coerência entre essas aulas e as do CMSP, visto que as habilidades essenciais foram a questão principal a ser trabalhada no ano letivo de 2021. Mesmo após o fim da pandemia, o

⁶ O Centro de Mídias SP é uma plataforma que faz transmissão de conteúdos através de canal digital aberto e por um aplicativo que permite acesso a diversos conteúdos para professores e estudantes da rede estadual de ensino, com dados patrocinados pelo Governo do Estado de São Paulo.

Aprender Sempre ainda é utilizado em sala de aula, pois é peça fundamental para o Programa de Recuperação e Aprofundamento⁷.

A ideia do desenvolvimento desta pesquisa surgiu durante o contexto pandêmico, quando a pesquisadora deste trabalho, por ter sido residente do Programa Residência Pedagógica (Edital 2020 – 2022), atuando em uma escola pública estadual, teve contato com o material *Aprender Sempre*. Os conteúdos apresentados no material, assim como a forma como eles eram trabalhados, despertaram o interesse para a análise aqui proposta, tendo como foco principal o tratamento dado à variação linguística, fenômeno natural e inerente a qualquer língua que, como discutido no capítulo anterior, consta como conteúdo a ser trabalhado na Educação Básica.

A escolha das atividades a serem analisadas neste estudo se deu após uma busca pelas palavras “variedade” e “variação” em todas as sequências de atividades dos 3 volumes do material didático em questão, do 6º ao 9º ano⁸. As sequências, detalhadas a seguir, foram escolhidas pela relevância direta com o tema da pesquisa, possibilitando a análise pretendida por este trabalho.

O primeiro objeto de análise foi o *Aprender Sempre* do 6º ano, volume 1. Optamos pela sequência de atividades 2, por tratar diretamente sobre a variação linguística, possibilitando entender quais conceitos são trabalhados logo no início do Ensino Fundamental 2 e de que forma eles são apresentados.

Essa sequência, assim como todas as outras, é composta por 8 aulas. A aula 1 é intitulada *A língua é a nossa pátria* e tem como objetivo refletir sobre a Língua Portuguesa e suas mais diversas possibilidades de transformação. As aulas 2 e 3 são intituladas *África* e *Brasil* e buscam analisar a variação linguística de acordo com o contexto regional. A aula 4 recebe o nome de *Falamos todos iguais?* e pretende analisar a variação linguística regional de acordo com o contexto interacional, além de sistematizar ideias sobre o preconceito linguístico e formas de combate a esse tipo de preconceito. A aula 5, *Tipo assim*, tem o intuito de fazer o aluno ler e analisar tirinhas de humor a partir dos usos linguísticos presentes nelas. A aula 6, denominada *Contexto*, objetiva compreender os contextos de uso da norma-padrão da língua e de suas variações de acordo com cada situação de comunicação. A aula 7, *Mensagem encaminhada*, busca produzir textos, considerando os contextos de circulação e suas variações e, por fim, a

⁷ Todas as informações obtidas a respeito do Programa de Recuperação e Aprofundamento, o que inclui informações sobre o material *Aprender Sempre*, foram obtidas por intermédio da troca de e-mails entre a pesquisadora deste estudo e a SEE-SP - OCORRÊNCIA RESOLVIDA - SEE-289531-N2M9 SED:0001608 (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2021).

⁸ Como já destacado na Introdução deste estudo, analisamos os Cadernos do Aluno.

aula 8, *Carta formal*, também foca na produção textual contextualizada e na adequação do texto segundo a norma-padrão da língua.

O segundo objeto de estudo escolhido, a sequência de atividades 3 do *Aprender Sempre* do 7º ano, volume 3, foi selecionado não apenas por abordar as variedades linguísticas, mas também por permitir verificar a continuidade do ensino delas. Essa escolha foi importante para avaliar se os conceitos e conteúdos trabalhados no ano anterior foram devidamente aprofundados e desenvolvidos para, assim, garantir uma progressão coerente e consistente do aprendizado.

Essa sequência também é composta por 8 aulas, sendo elas denominadas respectivamente: *Promessa de Casamento; É formal ou informal?; Sotaques; Os vizinhos; Palavras envelhecem?; Amor de jovens e Produção de tirinha* (aula dupla). Os objetivos previstos para essas aulas passam por (i) refletir sobre as variedades da língua falada a partir de canções populares e de pesquisa, (ii) refletir sobre as variações linguísticas e as mudanças da língua ao longo do tempo, (iii) compreender o emprego de variedades em diferentes situações comunicativas até (iv) analisar e produzir textos considerando os efeitos de sentido das variedades linguísticas em cada contexto.

4.3 Critérios de análise

Para Bagno (2007), houve uma melhora significativa na qualidade dos livros didáticos de português a partir de 1996, quando foi criado o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)⁹, que, segundo o Ministério da Educação,

[...] é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público (BRASIL, *online*, s/p)¹⁰.

Entretanto, apesar da melhoria, ainda há problemáticas a serem levantadas a respeito do tratamento da variação linguística nesses livros, principalmente por não haver

⁹ Em 2017, com nova nomenclatura, Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD – teve seu escopo ampliado com a possibilidade de inclusão de outros materiais de apoio à prática educativa para além das obras didáticas e literárias.

¹⁰ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-aco-es-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>. Acesso em: 15 ago. 2023.

um embasamento teórico consistente que explique os conceitos necessários de maneira clara.

Além disso, Bagno (2007) chama atenção para um tratamento reducionista da variação linguística frequentemente encontrado nos livros didáticos: tratar variação linguística como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas sem escolaridade. A problemática por trás disso está no fato de que dá a entender que falantes urbanos e escolarizados fazem uso de um português mais correto, mais próximo ao padrão e, conseqüentemente, não estão suscetíveis à variação. Neste estudo, não analisamos propriamente um livro didático; entretanto, consideramos que os apontamentos de Bagno (2007) também podem se encaixar para o conteúdo de variação linguística presente em materiais didáticos elaborados pelos estados – neste caso, no material *Aprender Sempre*.

Nesse sentido, para as análises aqui propostas, com base no *Aprender Sempre*, baseamo-nos em um roteiro de crítica e análise da variação linguística, adaptado de Bagno (2007). A seguir, apresentamos os critérios a serem observados nas análises e suas respectivas justificativas.

Quadro 1 – Critérios de análise e suas respectivas justificativas

CRITÉRIOS	JUSTIFICATIVAS
1. A sequência de atividades 2 do <i>Aprender Sempre</i> do 6º ano, volume 1, e a sequência de atividades 3 do <i>Aprender Sempre</i> do 7º ano, volume 3, mencionam a pluralidade de línguas que existem no Brasil?	Bagno comenta a importância de entender o plurilinguismo do país e combater o mito de sermos um país monolíngue. Achar que só há uma língua no Brasil é apagar a vivência de inúmeros povos que viveram e vivem aqui e que, historicamente, já sofreram diversos tipos de violência.
2. O tratamento da variação, nessas sequências de atividades, se limita às variedades rurais e/ou regionais?	Segundo Bagno, é preciso se atentar às variedades mais representadas nos materiais didáticos, uma vez que, muito comumente, os autores desses materiais são do estado de São Paulo e consideram variedade aquilo que está fora de sua região, podendo fazer com que alunos de outros contextos socioculturais, por não se verem representados, considerem seu modo de fala estranho ou errado.
3. As sequências de atividades analisadas apresentam variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados?)	Para Bagno, essa é uma questão causada pela falta de distinção entre os conceitos de norma culta e norma-padrão. É importante que tenha variantes provenientes das variedades prestigiadas para ilustrar que existe variação em todas as camadas sociais, reforçando a ideia de que a língua é heterogênea, variável e mutante.
4. As sequências de atividades 2 e 3 separam a	Bagno afirma que essa é uma questão fundamental para alcançarmos uma reeducação sociolinguística. Segundo o autor,

norma-padrão da norma culta (variedades prestigiadas)?	os livros didáticos apresentam o português brasileiro “como dois”, sendo que o português “são três”: a norma-padrão, um conjunto de variedades estigmatizadas e um conjunto de variedades prestigiadas.
5. O tratamento da variação linguística, nesse recorte analisado, fica limitado ao sotaque e ao léxico, ou também aborda fenômenos gramaticais?	Normalmente, segundo Bagno, os materiais didáticos tratam variação apresentando apenas diferenças lexicais e de sotaques, conforme a região dos falantes, deixando de lado um fenômeno um pouco mais profundo: a variação morfossintática, ou seja, as diferenças em relação ao uso dos recursos e regras gramaticais.
6. Essas sequências mostram coerência entre o que dizem nas atividades dedicadas à variação linguística e o tratamento que dão aos fatos de gramática? Ou continuam avaliando o que é certo e o que é errado?	De acordo com Bagno, é comum que materiais didáticos abordem variação linguística apenas para cumprir as normas exigidas pelo Ministério da Educação, fazendo com que seu tratamento seja limitado e desprezado em outras aulas e sequências didáticas.
7. As sequências de atividades correspondem ao que se discute na BNCC e no Currículo Paulista?	Verificar se os conceitos tratados no material analisado estão de acordo com as propostas previstas nos documentos oficiais é importante para avaliar se há um alinhamento entre as diretrizes educacionais e os materiais didáticos que as utilizam como referência.
8. As atividades das sequências analisadas do <i>Aprender Sempre</i> explicitam que também existe variação entre fala e escrita, ou apresentam a escrita como homogênea e a fala como lugar de erro?	Bagno indica que é importante analisar se as atividades abordam o contínuo de gêneros textuais existentes entre a língua falada e a língua escrita e seus graus de monitoramento.
9. As sequências de atividades analisadas abordam o fenômeno da mudança linguística? De que maneira?	Bagno afirma ser fundamental mostrar que a língua é viva e mutável, mas que essas mudanças não acontecem apenas no nível lexical, mas principalmente no âmbito gramatical.
10. As sequências de atividades analisadas apresentam variação linguística somente para dizer que, no final, o que realmente vale é a norma-padrão?	Por fim, se faz necessário questionar qual a finalidade do tratamento da variação nos materiais, pois, segundo Bagno, considerar válida apenas a norma-padrão é uma das formas mais sutis de praticar preconceito linguístico, pois insiste na permanência de um padrão normativo rígido e conservador, negando a importância e o valor de outras variantes.

Fonte: Elaboração própria com base em Bagno (2007)

Neste capítulo, apresentamos de maneira contextualizada o material didático intitulado *Aprender Sempre*, bem como os critérios de análise que serão aplicados na sua

avaliação. Inicialmente, apresentamos o contexto em que o material foi desenvolvido, destacando sua relevância e aplicabilidade no campo educacional no estado de São Paulo. Depois, reunimos os critérios de análise e suas respectivas justificativas em um quadro. No próximo capítulo, analisamos as sequências de atividades propostas, relacionando-as com a variação linguística e com os conceitos fundamentais previamente discutidos.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

5.1 Análise e discussão da sequência de atividades do 6º ano

Como já mencionado no capítulo anterior, o *Aprender Sempre* foi feito como uma maneira de reforçar o ensino dos alunos do estado de São Paulo e, por isso, o material é composto apenas por exercícios que, como apresentado em sua capa, irão ajudar o aluno a “ampliar seus conhecimentos não só em Língua Portuguesa e Matemática, mas também em outros componentes curriculares e assuntos de seu interesse, desenvolvendo habilidades importantes para construir e realizar seu projeto de vida”.

No primeiro objeto de análise, a sequência de atividades 2, do volume 1, do material do 6º ano, é possível notar que, ao longo da sequência, há menção à linguagem oral, ao uso de gírias em contraste à norma-padrão, à variação regional do português falado no Brasil em comparação ao português de alguns países africanos, além das variações regionais dentro do nosso país.

Em relação ao primeiro critério de análise, se há menção à pluralidade de línguas existentes no Brasil, a primeira aula tem como objetivo refletir sobre a Língua Portuguesa e suas mais diversas possibilidades de transformação; entretanto, há um único exercício programado. Nele, é pedido para que o aluno escreva um breve artigo de opinião sobre como é a linguagem mais utilizada para a comunicação oral entre ele e as pessoas de sua convivência (cf. figura 1). Visto que o material não traz a teoria por trás desses conceitos, cabe ao professor explicar, oralmente, essas “diversas possibilidades de transformação”.

Além disso, ao pensar nesse critério, Bagno (2007) menciona a importância de combater o mito do Brasil ser um país monolíngue, pois, no imaginário da sociedade brasileira, de maneira geral, há a noção de que ser brasileiro é ser exclusivamente falante de português, excluindo, dessa forma, as várias línguas indígenas que coexistem com o português. Dessa forma, o material continua a perpetuar o mito do monolingüismo, já que, mesmo com uma aula intitulada *A língua é nossa pátria*, não vemos nos exercícios menções às outras diversas línguas existentes no território nacional.

Figura 1 – Aula 1

AULA 1 – A LÍNGUA É NOSSA PÁTRIA

Objetivos da aula:

- Refletir sobre a língua portuguesa e suas mais diversas possibilidades de transformação.

1. Descreva, em um breve artigo de opinião de mais ou menos oito linhas, organizado em parágrafos, como é a linguagem mais utilizada para a comunicação oral entre você e as pessoas com quem você convive no dia a dia. Não se esqueça de ressaltar se você acha que essa forma de falar permite a boa comunicação entre todos e, se houver dificuldades, fale um pouco sobre elas.

Fonte: *Aprender Sempre* (2021, p. 17)

Respondendo ao segundo critério, se o tratamento da variação linguística na sequência de atividades analisada se limita às variedades rurais e/ou regionais, as aulas 2, 3 e 4 são voltadas para a variação de acordo com o contexto regional.

As aulas 2 e 3 são voltadas para a diferença entre o português falado no Brasil e o português falado em Moçambique, representando os países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. São apresentados dois textos: uma lenda moçambicana chamada *O Homem chamado Namarasotha* e um mapa que apresenta os países do continente sul-americano e os países do continente africano. Os exercícios dessas aulas, conforme a figura 2, apresentam a ideia de que há diferentes maneiras de se falar e entender português.

Figura 2 – Aulas 2 e 3

a. A lenda que você leu vem da tradição de Moçambique. Qual é a língua oficial falada nesse país?

b. Na lenda, existem formas de escrever diferentes das que costumamos ter na língua portuguesa brasileira? Escolha um trecho da lenda para comprovar sua resposta.

⁷ Moçambique. Wikipedia, a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Mo%C3%A7ambique>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

20 | LÍNGUA PORTUGUESA

c. Você conhece alguém com o nome da personagem principal da lenda? Quais são os nomes comuns no Brasil?



Fonte: *Aprender Sempre* (2021, p. 19)

A aula 4, também voltada para a variação regional, adiciona em seus objetivos a preocupação com o preconceito linguístico. Ela é composta por 2 exercícios: o primeiro traz uma definição de variação linguística como “as diferenças que uma mesma língua apresenta”, e menciona três tipos de variação: histórica, geográfica e social. Além disso, faz o aluno se questionar se todos os brasileiros falam igual e pede uma lista de “expressões típicas ou formas de falar as palavras em diferentes regiões do Brasil”. O segundo exercício pede aos alunos que pensem em formas de combater o preconceito linguístico que alguns falantes de regiões do Brasil sofrem, inclusive na própria região em que vivem, e que escrevam um breve artigo de opinião defendendo a diversidade linguística brasileira, mas utilizando a norma-padrão.

Aqui é interessante, e até irônico, notar que é exigido dos alunos que escrevam um texto sobre a importância de respeitar as diversas maneiras de falar português no Brasil, com a obrigatoriedade de a produção seguir à risca a norma-padrão, mesmo se tratando de uma aula sobre a variação linguística como objeto de ensino. Esse tipo de atividade é um reflexo das controvérsias da BNCC, uma vez que entende norma-padrão como uma variedade.

Logo, pensando no décimo critério – se as sequências de atividades apresentam variação linguística somente para dizer que, no final, o que realmente vale é a norma-padrão –, fica subentendido que sim. É importante respeitar os diferentes usos da língua, porém, a mensagem que parece ser passada aos alunos é a de que, para serem ouvidos ou até validados, precisam seguir a norma-padrão. Isso, segundo Bagno (2007), é uma maneira sutil de praticar preconceito linguístico, pois apresenta a língua como heterogênea, mas perpetua o padrão normativo e conservador.

Em relação às variedades regionais, há uma preocupação em apresentar e combater preconceitos, contudo, o material não menciona quais regiões, estados ou espaços geográficos e culturais são mais prestigiados e quais são estigmatizados. Em nenhum momento da sequência é dito que as variedades rurais são, socialmente, menos prestigiadas que as urbanas, ou que as diversas variedades da região Nordeste são mais discriminadas e estereotipadas que as variedades do Sudeste¹¹.

¹¹ Para exemplificar: até hoje, a cultura do entretenimento perpetua estereótipos sobre as variedades linguísticas rurais e nordestinas, através de personagens de novelas retratados com sotaques, e com a repetição de determinados léxicos, caricatos desses contextos. Além disso, para a realização de telejornais, sabemos que ainda é recorrente a prática de apresentadores/repórteres serem submetidos a sessões fonoaudiológicas para “suavizarem” seus sotaques, com o objetivo de se aproximarem de um falar do eixo São Paulo-Rio de Janeiro, mais influente e prestigiado.

Já as aulas 5 a 8 são direcionadas ao uso ou ao não uso da norma-padrão, de acordo com a situação de comunicação e com o contexto.

A aula 5 apresenta uma tirinha (cf. figura 9) com duas gírias, *tipo* e *mina*, e a partir dela os alunos deveriam responder três questões. A primeira, como de costume, pede a explicação do humor da tirinha, pois um dos objetivos da aula é fazer com que o estudante consiga inferir sentidos a partir da linguagem utilizada. A segunda questiona se as duas palavras (*tipo* e *mina*) são próprias da norma-padrão e por que elas funcionam nesse contexto específico da tirinha, que consiste em três quadrinhos, apresentando um menino adolescente que se percebe interessado em uma menina até que eles acabam “tipo” que namorando. A questão 3 pede exemplos de outras gírias conhecidas pelos alunos e em que contexto elas são, normalmente, empregadas.

A aula 6, por sua vez, é focada no contexto. Ela é formada por um único exercício que traz uma explicação para o que é contexto: “Todo texto, escrito ou falado, ocorre em uma situação. A essa situação damos o nome de contexto”. Após esse sucinto esclarecimento, são apresentados três textos de diferentes contextos e o propósito é fazer com que o aluno identifique em qual situação de comunicação cada texto costuma aparecer – cf. figuras 3 a 5.

Figura 3 – Texto 1

Sr. Gerente,

Sirvo-me da presente carta para fazer a seguinte reclamação: Em Março de 2020 comprei neste estabelecimento um ventilador, que depois de uma semana de uso, quebrou. Como estou dentro do prazo para reclamar, de acordo com o Código de Defesa do Consumidor, e constatando que o defeito compromete o bom funcionamento do meu ventilador, venho solicitar a troca do produto.

Desde já agradeço sua atenção.

São Paulo, 17 de julho de 2020.

Assinado: Joel Rodrigues.

Fonte: *Aprender Sempre* (2021, p. 22)

Figura 4 – Texto 2

⚠️ PESSOAL ⚠️

Peço licença p/ divulgar aqui no grupo do Whatsapp q tô vendendo meu carro. Ano fab./modelo: 2013. Única dona. Placa final 2 - rodízio segunda-feira. 4 portas, ar condicionado, direção hidráulica, vidros elétricos. Aceito propostas.

Maiores infos por inbox. Quem puder, repassar a informação. VLV! 🙏

Fonte: *Aprender Sempre* (2021, p. 23)

Figura 5 – Texto 3

Pesquisador da USP constrói game para ensinar história medieval⁸

Jogo online que está sendo produzido na Universidade mostra que os games são uma maneira de explorar, entender e até questionar a História de forma lúdica e divertida

14/08/2020 - por Crisley Santana

Sejam eletrônicos, de cartas ou de tabuleiro, os jogos fazem parte do cotidiano de jovens e adultos. Além da diversão que proporcionam, muitos apresentam histórias e narrativas para lá de interessantes. É o caso de Os Triunfos de Tarlac, um jogo de tabuleiro e estratégia ambientado na Irlanda dos séculos 13 e 14, desenvolvido pelo pesquisador Vinicius Marino Carvalho, do Laboratório de Estudos Medievais (Leme) em parceria com o Grupo de Pesquisa Arise (Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas) da USP.

Fonte: *Aprender Sempre* (2021, p. 23)

As aulas 7 e 8 funcionam como uma continuação da aula anterior, mas voltada para a produção textual. Na aula 7, a proposta é redigir uma mensagem para ser enviada em um grupo do *WhatsApp*, levando em consideração o contexto e, portanto, fazendo uso de uma linguagem informal e sucinta. Na aula 8, a proposta é reescrever o texto da aula anterior, transformando-o em uma carta formal. Para isso, o material fornece orientações como:

- Faça as alterações necessárias para que o texto ganhe um tom mais formal;
- Utilize a norma-padrão da língua;
- Escreva um cabeçalho com o local e a data;
- Lembre-se de marcar o destinatário e assinar;
- Escreva uma saudação e uma mensagem de despedida.

Embora a atividade de reescrita solicitada não se trate, nesse caso, de um mero exercício de “correção” do texto, já que temos uma proposta pautada em dois gêneros textuais contextualizados em situações comunicativas específicas – aparentemente, uma mais informal e outra mais formal –, podemos destacar que as aulas 7 e 8 carecem de alguns aprofundamentos, tais como explicações dos motivos de as duas situações comunicativas serem diferentes, dos aspectos que as diferenciam e de ocasiões em que nem sempre mensagens de *WhatsApp* serão informais, assim como nem todas as cartas serão formais.

Além do mais, o terceiro critério questiona se o material apresenta variantes características das variedades prestigiadas e, após descrever todas as atividades da sequência analisada, fica claro que o material não apresenta variantes prestigiadas, apenas traz exercícios com base na norma-padrão, o que também é um reflexo da BNCC, visto

que a chamada *norma-padrão*, entendida como sinônimo de *norma culta*, não é compreendida como um espaço de variação linguística. Bagno (2007, p. 129) explica que

Mesmo os livros didáticos que conseguem tratar da variação linguística de maneira relativamente satisfatória acabam deixando de lado as variedades urbanas. Por causa do prestígio socialmente conferido à fala dos cidadãos urbanos mais letrados, fica a ilusão de que eles se comportam linguisticamente de acordo com as prescrições da gramática normativa.

O objetivo de apresentar variantes de variedades prestigiadas é mostrar que ocorre variação em todas as camadas sociais: os usos linguísticos de falantes urbanos, escolarizados e letrados também variam, o que evidencia o caráter heterogêneo, variável e mutante da língua.

No que se refere à distinção entre norma-padrão e norma culta, quarto critério a ser analisado, também é notável que não é feita essa separação. Em momento algum é, sequer, mencionado o conceito de norma culta ou explicado o que é a norma-padrão. Bagno (2007) chama a norma-padrão de “receita de língua”, pois não é uma língua, nem um dialeto nem uma variedade real. Não existem pessoas que falem ou escrevam o padrão, justamente por ser um padrão, um modelo idealizado e rígido que não condiz com a realidade dos falantes de português, mesmo os falantes mais urbanos, escolarizados que fazem uso da norma culta. Para o autor (2007, p. 131), o português brasileiro são três: “uma norma-padrão, que não é língua de ninguém; um conjunto de variedades estigmatizadas e um conjunto de variedades prestigiadas, cada um deles caracterizando grupos sociais específicos”.

Ainda que o *Aprender Sempre* seja destinado à recuperação e ao aprofundamento de conteúdos, não havendo espaço para discussões teóricas aprofundadas, julgamos que uma ou outra nota concisa de caráter teórico, e adequada ao nível de ensino em questão, enriqueceria o material, auxiliando, inclusive, os alunos no entendimento – e, conseqüentemente, na realização – da atividade proposta.

Em relação à abordagem dos tipos de variação e dos níveis da língua suscetíveis a esse fenômeno, como questionado nos critérios 5, 8 e 9, as atividades acima apresentadas se limitam, principalmente, a explorar a variação diatópica, no nível lexical. Até observamos a menção às variações histórica e social, na aula 4, e o apontamento da variação diafásica nas aulas de 5 a 8, quando pensadas as diferentes situações de comunicação. Entretanto, em todos os casos, o tratamento desses tipos de variação é feito de forma superficial – por exemplo, não encontramos explicação sobre o que é grau de

monitoramento, nem como distinguir diferentes graus, no exercício em que são usadas as gírias. Também não encontramos discussões pertinentes sobre a variação, por exemplo, no nível morfossintático.

Outra lacuna é a ausência do tratamento da variação diamésica, sem haver, por exemplo, um trabalho com gêneros textuais falados, já que se trata de uma sequência que se propõe a discutir o português falado no Brasil.

Depois de estudar integralmente o material analisado, é possível afirmar que, ao longo de todos os volumes programados para o 6º ano, o foco principal é o trabalho com diferentes gêneros textuais escritos, como apólogo, conto de fadas, resumo, artigo de opinião, peça teatral, poema, relato pessoal, entre outros, sendo que, quando é proposta uma produção textual, costuma aparecer como orientação a adequação à norma-padrão. Parece ainda haver uma soberania da escrita sobre a fala, como apontado no oitavo critério. Entretanto, não encontramos os usos de “certo” e “errado”, como debatido no sexto critério.

Sobre o sétimo critério, e considerando que um dos objetivos da BNCC é trabalhar a compreensão, a interpretação e a produção de textos de diferentes registros e variedades da língua, essa sequência de atividades do *Aprender Sempre* poderia trazer mais exemplos de textos, orais e escritos, visto que, durante as 8 aulas, a variação linguística pouco é trabalhada de acordo com a heterogeneidade de gêneros textuais presente em nossas vidas. Caso isso ocorresse, a sequência estaria mais alinhada aos documentos oficiais, BNCC e Currículo Paulista, como discutido no sétimo critério de análise.

Outro ponto a ser comparado com os documentos oficiais é o tratamento da variação linguística dentro dos eixos de integração (no caso, os eixos de produção de texto, de oralidade e de análise linguística). O *Aprender Sempre* trabalha com as condições de produção dos textos previstos pelas BNCC, cujo objetivo é fazer com que o aluno consiga adequar os textos conforme a situação comunicativa. Por outro lado, a variação linguística não é trabalhada nos eixos da oralidade e da análise linguística, pois, como já mencionado anteriormente, a sequência analisada não demonstra preocupação com a diferença entre a língua falada e a língua escrita, bem como não correlaciona variação e fenômenos gramaticais.

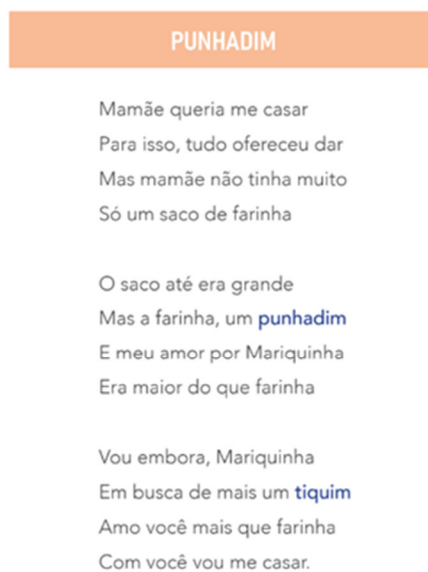
5.2 Análise e discussão da sequência de atividades do 7º ano

Já no segundo objeto de análise, correspondente à sequência de atividades 3, do volume 3, do material do 7º ano, o foco é direcionado para a exploração das diversas nuances presentes na língua falada. Nesse contexto, o material pretende abordar o uso da formalidade ou informalidade, conforme a situação comunicativa, bem como a apreciação de diferentes sotaques, variações regionais e mudanças diacrônicas.

Essa sequência, diferente da primeira, menciona, brevemente, a variação existente entre a fala e a escrita, já na aula 1, conforme previsto pelo oitavo critério, porém, o contínuo de gêneros textuais existentes entre a língua falada e a língua escrita, bem como os graus de monitoramento, não são abordados.

O objetivo dessa aula é “refletir sobre as variedades da língua falada a partir de canções populares”, porém a única música apresentada (cf. figura 6) é uma adaptação da música “Punhadim” de Wilson Dias.

Figura 6 – Adaptação da música ‘Punhadim’



Texto criado pela equipe pedagógica, exclusivamente para este material.

Fonte: *Aprender Sempre* (2021, p. 29)

Das questões relacionadas a essa música, duas trabalham com a interpretação (*Qual é a história contada?* e *Por que o rapaz decide ir embora?*) e apenas uma trabalha,

de forma superficial, a variação: *Os termos “punhadin” e “tiquim” lembram quais outras palavras?* Logo, entendemos que, nessa aula, escolheu-se apenas um fenômeno linguístico para ser trabalhado: a substituição dos sufixos -inho e -inha por -in ou -im, traço marcado por falantes de português residentes em Minas Gerais, principalmente. Um exemplo comum que acontece, de maneira geral, ao longo do território brasileiro, é o uso de “cafezin” em vez de “cafezinho”. A substituição do sufixo pode ocorrer por razões informais ou coloquiais, por vezes, influenciadas por padrões fonológicos regionais ou tendências linguísticas momentâneas, o que podemos discutir quando estudadas as variações diafásica e diatópica.

Se considerado o quinto critério, de novo, temos a variação linguística, predominantemente, limitada ao sotaque e ao léxico. Não se discute, de maneira contextualizada, os usos de *punhadin e tiquim*. Caberia ao professor explicar o fenômeno em questão e explicar o caráter vivo, mutável e heterogêneo da língua.

A aula 3 reforça essa limitação. Voltada para os sotaques, ela demonstra que o foco maior dessa sequência, realmente, é a variação diatópica, reforçando a visão do Bagno (2007), presente no segundo critério, de que as variedades regionais são as mais representadas nos materiais didáticos.

As atividades previstas para essa aula são inteiramente voltadas para as diferenças lexicais regionais. O primeiro exercício pede para que os alunos pesquisem *palavras ou expressões que são faladas de formas diferentes, dependendo da região do Brasil*. Com as palavras pesquisadas, eles devem fazer uma lista de palavras com sotaques diferentes, indicando em qual região cada uma delas é falada. O segundo exercício sugere que os alunos façam um *podcast* pronunciando, em diferentes sotaques, as palavras encontradas na atividade anterior.

Essa aula mostra que não há uma preocupação com as variedades estigmatizadas, pois, principalmente na segunda atividade, algum sotaque estigmatizado pode ser reproduzido como uma maneira engraçada ou pitoresca de falar, conforme Bagno (2007). Também de acordo com Bagno (2007), ainda no segundo critério, é importante notar que esse material didático foi produzido por autores da região Sudeste, podendo haver um descuido ao considerar que o diferente, o exótico, é o que vem de fora, de outras regiões, enquanto o sotaque paulista, por exemplo, é neutro, padrão, mesmo existindo vários sotaques dentro do estado de São Paulo.


A sequência, de maneira geral, não apresenta variantes características das variedades prestigiadas, deixando a impressão de que a variação existe apenas em alguns

contextos, sendo que ela está presente no falar de todas as classes sociais; logo, essa sequência não se enquadra, de forma positiva, no terceiro critério, bem como, por consequência, não está de acordo com o quarto critério, por não fazer distinção entre a norma-padrão e a norma culta (falada em contextos urbanos e escolarizados).

Voltando para a aula 2, notamos que ela é uma extensão da aula seis da sequência didática analisada anteriormente. Assim como naquela aula, os exercícios aqui presentes apresentam duas situações comunicativas distintas: uma é uma mensagem de *WhatsApp* (figura 7) e outra é uma mensagem enviada por e-mail de um consultório médico a um cliente (figura 8).

Figura 7 – Situação 1

**Situação de comunicação 1 –
mensagem de whatsapp - TEXTO 1**

Olá Pri!
 Beleza?
 Então, hj, não vai dá pra gente sair e fazer aquele giro. Sei que a gente já tinha combinado, mas tô enrolada.
 Tenho de fazer os trabalhos da escola, tô com muita dificuldade em álgebra e, na próxima semana, terei aula dessa matéria, preciso correr atrás do prejuízo, se não vc já sabe no que vai dar, né?
 Te ligo depois. 

Fonte: *Aprender Sempre* (2021, p. 31)

Figura 8 – Situação 2

**Situação de comunicação 2 –
mensagem enviada por e-mail - TEXTO 2**

Senhor Carlos, boa tarde!
 A Dra. Fabiana teve um imprevisto e, por isso, não poderá atendê-lo nesta tarde. Podemos reagendar sua consulta para a próxima segunda-feira, dia 15, às 16 horas?
 Aguardamos seu retorno.
 Atenciosamente,
 Clarice
 Clínica Saúde e Bem-estar
 11 8765- 4321 (WhatsApp)

Fonte: *Aprender Sempre* (2021, p. 31)

O intuito da aula é fazer com que o aluno identifique o grau de formalidade adequado para cada situação, considerando contexto, enunciador, destinatário, recursos, o local de veiculação e a finalidade de cada texto. Essa é uma das aulas mais interessantes, visto que, ao trabalhar com a noção de adequação, mostra ao aluno que língua não é uma questão de “certo” ou “errado”, como discutido no sexto critério de Bagno (2007).

Nesse sentido, há certo alinhamento com a BNCC, e com o Currículo Paulista, por trabalhar com as condições de produção textual de acordo com a situação comunicativa, conforme previsto no sétimo critério. No entanto, assim como na sequência anterior, a abordagem da diversidade linguística não é feita de modo significativo ao trabalhar a oralidade – nos *podcasts*, por exemplo – nem a análise linguística.

Nas aulas 4 e 5, o enfoque recai sobre a exploração da variação diacrônica. A aula 4 apresenta um trecho do conto “Os vizinhos”, do autor Coelho Netto, presente no livro “Apólogos: contos para crianças” de 1924. A partir desse trecho, busca-se fazer com que os alunos infiram o significado das palavras que desconhecem, questionando o porquê de elas terem sofrido alterações, além de mostrar que o uso do discurso direto representa a maneira como cada personagem falava na época. A aula 5, nos mesmos moldes da aula 3, tem como objetivo fazer com que os alunos pesquisem palavras ou expressões que sofreram alteração gráfica ao longo do tempo. Após a pesquisa, a sugestão é que façam um minidicionário com as palavras encontradas. Nessas duas aulas, a mudança linguística é abordada, como questionado no nono critério, ainda que sem explicações aprofundadas.

Como já mencionado anteriormente, de acordo com o quinto critério, para Bagno (2007), é importante que os materiais didáticos abordem o fenômeno da variação linguística, mas o ideal, que não acontece aqui, seria não limitar esse conteúdo apenas ao campo lexical, de vocabulário, mas, principalmente, ampliá-lo ao campo gramatical, para mostrar que fenômenos gramaticais também estão em constante mudança e que essas mudanças

[...] são fruto da ação coletiva de seus falantes, uma ação impulsionada pelas necessidades que esses falantes sentem de se comunicar melhor, de dar mais precisão ou expressividade ao que querem dizer, de enriquecer as palavras já existentes como novos sentidos (principalmente os figurado, metafóricos), de criar novas palavras para dar uma ideia mais precisa de seus desejos de interação, de modificar as regras gramaticais da língua para que novos modos de pensar e de sentir, novos modos de interpretar a realidade sejam expressos por novos modos de dizer. (BAGNO, 2007, p. 168)

A aula 6, por sua vez, retoma a mesma tirinha (figura 9) trabalhada na aula 5 do primeiro objeto de estudo. Mesmo que as perguntas estejam diferentes, o conteúdo é o mesmo. Para o 6º ano, as gírias são mencionadas e o questionamento é se elas fazem parte da norma-padrão e por que elas funcionam dentro do contexto da tirinha; enquanto, para o 7º, questionam-se quais palavras da tirinha são gírias ou expressões da linguagem informal e em quais contextos o uso da linguagem formal e da norma-padrão se faz necessário.

Assim, é possível concluir que a discussão é muito pouco aprofundada, uma vez que é abordado não somente o mesmo gênero textual em ambas as aulas, como também as mesmas gírias dentro da mesma situação comunicativa. Essa falta de diversificação e ampliação do escopo de análise impede uma compreensão mais abrangente das nuances envolvidas na utilização das gírias e da linguagem informal. O ideal seria expandir os gêneros textuais trabalhados, permitindo com que os alunos apreciassem as distintas maneiras pelas quais as gírias se inserem em contextos variados. Além disso, explorar situações comunicativas diferentes poderia fornecer uma compreensão mais completa sobre quando e por que a linguagem informal e a norma-padrão são necessárias, destacando assim a importância de ajustar a linguagem conforme o contexto. Com um trabalho bem contextualizado, não restaria dúvida aos alunos de que, de fato, a variação é legítima, sendo ensinada para contribuir, inclusive, no entendimento da norma-padrão; e não sendo vista como algo subalterno à norma-padrão – como discutido no décimo critério.

Figura 9 – Tirinha usada nas duas sequências



Fonte: *Aprender Sempre* (2021, p. 37)

Finalmente, as duas últimas aulas são voltadas para a produção de uma tirinha cujo propósito é utilizar algum tipo de variante linguística em um diálogo.

Tal qual a sequência anterior, esta também não menciona a pluralidade de línguas existentes no território brasileiro, como sugere o primeiro critério. Abordar somente as variações internas da língua sem reconhecer a existência de línguas distintas representa uma visão incompleta da realidade linguística do país. Incorporar uma análise das línguas dos povos originários e das línguas trazidas por imigrantes ofereceria aos alunos uma compreensão mais completa e respeitosa da riqueza linguística brasileira.

A escolha das sequências didáticas se deu por serem as que mais mencionavam, de alguma forma, o conceito de variação linguística, além disso, por serem de anos seguidos, 6º e 7º, seria possível julgar se, no ano posterior, o tratamento seria trabalhado de forma mais aprofundada, o que não acontece. Os exercícios são, levemente, diferentes, mas os seus conteúdos são apresentados da mesma forma: sem grandes explicações ou contextualizações. Ao comparar as duas sequências de atividades analisadas, fica evidente que ambas compartilham uma lacuna significativa ao não abordarem a riqueza

linguística diversificada do território brasileiro. Além de ambas apresentarem uma visão limitada e restrita do que é variação, têm como foco principal a variação regional. Na sequência do 7º ano, ainda que haja espaço para trabalhar com língua falada e língua escrita e com questões estilísticas, os exercícios para desenvolver tais assuntos são reduzidos. Outra semelhança é a ausência da distinção entre norma-padrão e norma culta, o que compromete a capacidade de os alunos compreenderem as sutilezas do uso linguístico em diferentes contextos. Em resumo, ambas as sequências carecem de uma abordagem mais abrangente e inclusiva da diversidade linguística e das nuances do uso da língua.

6 CONCLUSÕES

Neste trabalho, buscamos analisar o tratamento da variação linguística com um olhar direcionado às sequências de atividades do 6º e 7º anos, pois, após uma investigação em todos os volumes do *Aprender Sempre*, escolhemos as sequências que mais trabalhavam, de forma direta, com os conceitos trazidos neste estudo sobre a variação.

A análise das sequências de atividades revela uma abordagem que, apesar de reconhecer, de modo predominante, as variações linguísticas regionais, carece de uma profundidade necessária para compreender a complexidade integral da variação linguística. Além disso, o material demonstra limitações ao abordar a variação morfossintática, por exemplo. A respeito disso, Bagno (2007, p. 132) afirma que alguns fenômenos morfossintáticos deveriam “se tornar o foco principal da educação em língua materna”, visto que é a partir do entendimento deles que se dá o letramento dos alunos. Dessa forma, o ideal seria abordar, de forma mais direcionada, as diferenças entre a gramática das variedades estigmatizadas, prestigiadas e a norma-padrão.

A pedagogia da variação linguística, embasada em princípios sociolinguísticos, propõe uma abordagem ampla que vai além das variações regionais, abraçando as variações diacrônica, diastrática, diamésica e diafásica; e em todos os níveis da língua. Essa abordagem, se feita de forma mais significativa e abrangente, enriquece o entendimento dos alunos sobre a língua e os prepara, de forma consciente, para as interações mais diversas.

O que podemos perceber a partir deste estudo é que, assim como afirma Bagno (2007), o material didático ainda trata a variação linguística de forma problemática, entretanto, há um cuidado no *Aprender Sempre* de não chamar as variantes da língua de “certas” ou “erradas”; os usos da língua que desviam da norma prestigiada não são considerados “erros de português”.

Quando um aluno faz uso de uma regra incompatível com a norma-padrão, segundo Bortoni-Ricardo (2004), frente à pedagogia da variação linguística, busca-se levar o aluno a identificar a diferença e a se conscientizar dela, para que ele consiga se monitorar e se adequar a cada uso de acordo com o contexto interacional.

Além disso, como também alerta Bagno (2007) quanto ao tratamento do preconceito linguístico em materiais didáticos, no *Aprender Sempre*, notamos uma preocupação em combater o preconceito linguístico e em valorizar a multiplicidade linguística do português, porém, como ressaltamos nas análises, falta uma base teórica

consistente para que esses objetivos sejam atingidos. O que se vê é uma visão reducionista tanto do combate ao preconceito quanto da valorização da diversidade.

Outro ponto a ser destacado é que, em alguns momentos, ao tratar da variação, as sequências fazem uso de um registro “forçado”, que não é fiel ao vernáculo intencionado – como no exemplo da tirinha (cf. figura 9), com o uso exagerado da gíria *tipo*. Jovens, crianças e adolescentes fazem uso desse termo, porém não o fazem dessa forma, dando-lhe um aspecto estereotipado.

Desse modo, o *Aprender Sempre*, por meio da inclusão de atividades que explorassem outros tipos de variação, com exercícios mais detalhados, poderia atingir as expectativas do que seria considerado ideal para a pedagogia da variação linguística, tornando-se, assim, uma ferramenta mais eficaz na promoção da compreensão e da valorização das variações linguísticas, enriquecendo o ensino de forma mais inclusiva e sensível à diversidade e oferecendo aos alunos os escopos necessários para se comunicarem com diferentes pessoas em diferentes espaços sociais.

Nesse caminho, o material poderia conduzir os alunos a um olhar mais crítico em relação à linguagem, combatendo os preconceitos linguísticos e estereótipos associados a determinadas formas de fala e, conseqüentemente, a certos grupos sociais, por serem julgados, de maneira errônea, não só pelo uso que fazem da língua, mas por suas origens ou situação econômica.

Em resumo, o *Aprender Sempre* deveria servir não apenas para desenvolver o conhecimento linguístico dos alunos, mas também para prepará-los para viver em uma sociedade diversa e interconectada, permeada, em todos os aspectos, pela língua. Isso promoveria a compreensão, a tolerância e a aceitação da diversidade linguística, contribuindo para um ambiente mais inclusivo.

7 REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Sete erros aos quatro ventos**: a variação linguística no ensino de português. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. Trad. de Maria Ermantina Galvão; rev. de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-289.

BASES por uma pedagogia da variação linguística. Conferência apresentada por Carlos Alberto Faraco [s.l., s.n], 2020. 1 vídeo (1h 9min 14s). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3kS-RHie0Zw>. Acesso em: 13 jan. 2023.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?**: sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024**: Linha de Base. Brasília: Inep, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino médio. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 19 jul. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm#:~:text=I%20%2D%20construir%20uma%20sociedade%20livre,quaisquer%20outras%20formas%20de%20discrimina%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 19 jul. 2023.

CARDOSO, M; SEMECHECHEM, J. A variação linguística na Base Nacional Comum Curricular: por uma pedagogia da variação linguística nos componentes de língua portuguesa do ensino fundamental e médio. **Leitura**, Maceió, n. 66, p. 179-200, 2020.

ERICKSON F. Transformation and school success: the politics and culture of educational achievement. **Anthropology & Education Quarterly**, v. 18, n. 4, p. 335-356, 1987.

FARACO, C. A. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (org.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 19-30.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: LÜDKE, M; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. p. 35-44.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. SEE-SP - Ocorrência Resolvida - SEE-289531-N2M9 SED:0001608. Destinatário: Rafaela Rigon. [S.l.], 16 ago. 2021. 1 mensagem eletrônica.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. União dos Dirigentes Municipais de Educação do Estado de São Paulo. **Currículo Paulista**. São Paulo: SEE-SP/UNDIME-SP, 2019.

SCHERRE, M. M. P. Respeito linguístico. In: ARNT, R.; SCHERRE, P. (org.). **Dicionário: Rumo à Civilização da Religião e ao Bem-viver**. Fortaleza: Editora da UECE, 2021. p. 117-120.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis, SC: UFSC, 2005.

ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. Introdução. In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (org.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 7-15.